

Referência

Novo, R. F. & Silva, D. (2003). O auto-conceito em adultos de idade avançada: análise das características psicológicas reveladas ao nível da auto-avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 15 (1), 121-158.

O Conceito de Si em Adultos Idosos: Análise das características reveladas ao nível da auto-avaliação

ASPECTOS TEÓRICOS E CONCEPTUAIS

Introdução

O Conceito de Si é um constructo comumente utilizado nas ciências sociais, em geral, e na ciência psicológica, em particular, onde assume grande relevância em diversos domínios teóricos e em diferentes contextos de avaliação. Apesar da relativa ubiquidade deste constructo, não há grande consenso sobre a sua natureza nem sobre o modo como é avaliado, pelo que ele não constitui uma entidade teórica e fenomenológica bem definida.

Uma fonte particular de divergências no plano conceptual é o uso de *self* e de *self-concept* como termos intermutáveis. O Conceito de Si é um conceito acerca de uma entidade que é o *Self*, o qual não será apenas um conceito, mas uma entidade que resulta de uma construção ‘muito real’, com base, primeiro, nas representações do corpo e, mais tarde (em termos de desenvolvimento ontogenético), nas representações relacionadas com o mundo exterior (Damásio, 1994/1995). Esta entidade confere subjectividade à nossa experiência e, como tal, tem importante influência no comportamento (Baumeister, 1997).

Uma segunda fonte de equívocos decorre do problema, ainda em aberto, sobre a unidade *versus* diversidade do *self*. Uma expressão muito difundida e citada a partir dos trabalhos de Markus e Nurius (1986), a de *Possible Selves*, onde se aponta para a diversidade do *self*, contribui

para uma aproximação deste conceito às diferentes representações a que pode dar lugar. A diversidade do *Self* é, pois, uma forma metafórica de o abordar, já que ele identifica a individualidade, sendo a unidade da individualidade que define o próprio *self*. Contudo, este admite múltiplas representações, estas sim contidas no termo *Self-Concept* ou Conceito de Si. O Conceito de Si é o conjunto das representações cognitivo-afectivas do *self*, em diferentes circunstâncias e com diferentes atributos, que constituem diferentes representações do *self* (e.g. Higgins, 1987) e não diferentes *Selves*; não obstante as múltiplas representações possíveis, o *self* é o mesmo. Esta concepção é compatível com os trabalhos delineados em torno da base neural do *self*, nomeadamente de A. Damásio (1994/1995), que reconhece a existência de um *self* único,

Existe... um *self* para cada organismo, excepto naquelas situações em que a doença mental criou mais do que um (como sucede nos casos de personalidade múltipla) ou diminuiu ou eliminou o *self* normal (como sucede em determinadas formas de anosognosia e em determinados tipos de epilepsia. (p. 235)

Daqui decorre o princípio de que estudar o Conceito de Si não é estudar o Si ou *Self* e que o Conceito de Si, por integrar facetas diversas, não pode ser estudado como uma entidade simples e unificada.

G. Allport (1961/1966) terá sido um dos raros autores que, no passado, claramente definiu o constructo de *self* e o distinguiu de outros do mesmo domínio semântico, designadamente de personalidade e de identidade, com os quais partilha relações de interdependência. Para Allport, o *self*, considerado como “a região viva, central e íntima da nossa vida” e como “objecto de conhecimento e de sentimento” (*idem*, p. 148), diferencia-se da personalidade que, concebida como a organização dinâmica que determina e dirige dinamicamente o comportamento e o pensamento característico do indivíduo, abrange não apenas o indivíduo como ‘objecto’, mas também como ‘sujeito’, como agente do conhecimento, do sentimento e do comportamento.

Ainda segundo este autor, o *self* é uma ‘espécie do núcleo do nosso ser’, pelo que desempenha um papel crucial na nossa personalidade, e comporta diversos aspectos, entre eles a identidade que identifica a continuidade do sentido do ser individual ao longo do tempo.

A clareza da proposta de Allport não pode, contudo, fazer ignorar a complexidade existente neste domínio. No âmbito das teorias psicológicas, é o conceito de personalidade que assume sentidos diversos e no seio das teorias psicanalíticas é o conceito de *self* que é alvo das maiores divergências conceptuais, sendo-lhe reconhecidos estatutos e qualidades distintas em diferentes modelos teóricos e por autores. Divergências tão longínquas que remontam às discórdias entre S. Freud e C. Jung, as quais terão justificado a ruptura entre estes dois pioneiros do movimento psicanalítico (Cohler & Galatzer-Levy, 1992). Em causa está a centralidade do *self* na explicação do funcionamento mental, com Jung a reclamar a necessidade de valorização das experiências subjectivas na mente e a ser pioneiro na conceptualização do desenvolvimento do *self* ao longo do curso de vida.

Para E. Erikson, outro importante teórico da linha psicanalítica e precursor do conceito de envelhecimento no contexto do desenvolvimento, o conceito directamente visado é o de identidade. Todavia, este conceito é aproximado ao de *self*. Como afirma Erikson (1959) “o termo identidade abrange muito do que tem sido designado por *self* por uma variedade de autores, sob a forma de *self-concept*, *self-system* ou nas *self-experiences* flutuantes descritas por Schilder, Federn e outros” (p.147). Não é muito claro, contudo, quando é que a identidade se aproxima de *self* como conceito ou do *self-concept* ou conceito de si como aqui preferimos designar. Este autor salienta o papel das vivências subjectivas na organização do *self*, enquanto instância estrutural do aparelho psíquico, mas também se refere à identidade, ao sentido da identidade estável e coesa, como uma dimensão subjectiva de um *self* integrado e coeso (e.g., Erikson 1963/1968).

Diferentes teses ainda permanecem na teoria psicanalítica, desde as divergências no plano metapsicológico em torno de *self* e de ego às concepções mais fortemente estruturais ou fenomenológicas do *self*, sendo este ora considerado como um mero sistema de representações, ora como uma estrutura investida de energia que assegura o sentimento de continuidade psicológica no tempo, de coesão e de organização persistente. S. Blatt (Blatt & Blass, 1996), tal como Winnicott (1958/1969), D. Stern (1985/1992) ou A. Modell (1993), atribui propriedades motivacionais ao *self*, considerando que ele não é um mero sistema estrutural, antes assegura a experiência de integração das vivências subjectivas. O *self* é assim considerado como uma estrutura que, com os seus próprios meios, organiza as percepções e promove as suas próprias acções; é o *locus* das experiências emocionais (do sentir), a origem do sentido da actividade (do fazer) e a base do sentido do auto-conhecimento e reflexividade (do ser).

***Self-Concept* como Conceito**

O *self-concept* ou *self-representation*, aqui designado como conceito de si, não se refere nem à totalidade da individualidade nem ao *self* fenomenológico global, nem ainda ao *self* como entidade estrutural. O *self-concept* é semelhante ao *self-schema* ou *self-representation* e diz respeito à imagem que cada um tem de si próprio, dos seus pensamentos, sentimentos e características de identidade. Pode abranger diferentes representações do *self* (e.g., *self* idealizado, *self* temido) e diferentes perspectivas temporais (e.g., *self* passado, actual e futuro).

Em Schafer (1976), a representação do *self* é definida como a ideia que o indivíduo tem de si próprio como pessoa, consistindo numa conceptualização subjectiva dos fenómenos não-verbais (somáticos, afectivos e ideativos). O grau pelo qual as representações estão organizadas e se tornam consistentes, caóticas ou fragmentadas, está relacionado com as características globais do indivíduo, com o seu grau de realismo, idiossincrasia e autocrítica. Clinicamente, as

representações do *self* estão relacionadas com o modo como o indivíduo se sente relativamente a si próprio e servem como fonte de determinação do comportamento.

Parece importante atender de novo à diferenciação entre o conceito de *self* e de *self-concept*, neste momento, por forma a fazer referência à perspectiva de *self* na abordagem cognitiva, comportamental ou social. Em inúmeros casos, a teorização e a investigação referida ao *self* incide, fundamentalmente, no conceito de si ou nos conteúdos do *self*, contribuindo para a ideia de que existem múltiplos *selves* (e.g., Markus & Nurius, 1986; Ryff, 1991) quando se visam subcategorias do *self* empírico ou do conceito de si.

No âmbito dos modelos comportamentais, o conceito de *self* não é aceite como puramente ‘mental’ ou ‘estrutural’, mas também não é negada a possibilidade de o indivíduo poder conhecer-se a si próprio, nem a utilidade desse conhecimento. Por exemplo, Skinner (1974, *cit. in* Heard & Linehan, 1993) refere-se ao *self-knowing* e ao *self-managing* (equivalente a *self-representation*), considerando a sua origem social e o seu desenvolvimento no âmbito de uma linguagem complexa, cujos processos e conteúdos variam de acordo com os ditames culturais. O *self* como sujeito conhecedor e como objecto do conhecimento são, para Skinner, produtos da história genética e social, das contingências da sobrevivência e do reforço interpessoal (*idem*).

No âmbito da psicologia social, e com um sentido próximo ao de Skinner, o conceito de *self* mais explorado é o *self* experiencial ou empírico, o ‘Me’ de W. James e, mais especificamente, o conceito de si. De acordo com Strauman e Higgins (1993), C. Cooley e G. Mead consideram o conceito de si como emergente da interacção social. Na linha do interaccionismo simbólico, estes autores defendem que os participantes nas interacções sociais tomam a perspectiva que o outro tem de si e ‘aprendem’ a ver-se a si próprios como crêem que os outros os vêem. G. Mead defende que a pessoa, através dos múltiplos papéis em que está envolvida, internaliza a atitude do outro (*generalized other*) relativamente a si próprio e C. Cooley refere-se ao conceito de si como

o “*looking glass self*”, como uma imagem especular das crenças que cada um desenvolve sobre o modo como os outros o vêem e das expectativas que têm sobre si (*idem*). Estas concepções sobre as origens sociais do *self* influenciaram muita da investigação sobre o *self* nas últimas décadas. Investigação fundamentalmente restrita ao conceito de si e que deram origem à proliferação de termos relativos a aspectos específicos do *self*.

A par das perspectivas clássicas sobre o *self*, um conjunto de trabalhos mais recentes salienta as origens da relação entre o *self* e o afecto. Os conceitos de consistência, de discrepância e de conflito são explorados e desenvolve-se a ideia de que as pessoas que possuem crenças incompatíveis ou em conflito acerca de si próprias viverão, provavelmente, desconforto ou angústia. Higgins (1987) identifica três tipos básicos de inconsistência criada: entre a percepção de si próprio e a percepção externa ou o *feed-back* do comportamento relacionado com tais percepções; a partir de contradições face a um determinado atributo pessoal, o que impede um conceito de si coerente e unificado; a partir da discrepância entre atributos percebidos e os padrões pessoais (*self-standard* ou *self-guide*). Nem todas as teorias salientam o mesmo tipo de inconsistências, mas todas partilham aspectos básicos: as crenças em conflito são intoleráveis; as pessoas são seres cognitivos que pensam sobre as suas crenças e tomam opções (conscientes ou não) com base nelas; e as pessoas estão motivadas para a mudança, quer das crenças, quer dos comportamentos, de modo a manter a consistência.

No âmbito da cognição social, os estudos têm-se debruçado sobre o *self* como uma representação mental do indivíduo relativamente à sua personalidade e atributos pessoais e são aplicadas metodologias semelhantes às utilizadas na investigação de outros tipos de representação, ainda que quase exclusivamente limitadas à codificação dos conteúdos verbais. De acordo com Strauman e Higgins (1993), quando o *self* é concebido de uma forma alargada, os estudos incluem os estados afectivos e motivacionais e o conceito de si torna-se “a representação

mental que cada um tem de si próprio, não distinto das representações que os indivíduos têm relativamente a ideias e a acontecimentos e às suas implicações” (p. 13). Dito de outro modo, o *self* é, nesta perspectiva teórica, um conceito, não distinto de outros conceitos, que é armazenado na memória como uma estrutura de conhecimento, não distinto da estrutura de outros conhecimentos (*idem*).

A investigação sobre o *self* e as representações do *self* tem tido, nas últimas décadas, uma ênfase provavelmente inigualável a qualquer outro conceito e a psicologia social tem sido uma área com contributos muito significativos. Tal como na psicanálise, contudo, as perspectivas cognitivas e sociais sobre o *self* são também diversas e dão origem a focos de investigação centrados nas representações do *self* como estrutura, como processo ou como fonte de vulnerabilidade emocional. Um diálogo criativo entre as diferentes perspectivas, em termos teóricos e metodológicos, faz prever, como afirma Strauman e Higgins (1993), uma nova era de integração e de progresso no estudo psicológico do *self*.

Conceito de Si e Auto-Estima

O *self* não é acessível directamente, não é percebido nem avaliado em si mesmo. O que avaliamos de um modo mais directo são as representações do *self* e estas só podem ser concebidas quando contextualizadas na relação com o mundo. Quando pensamos nos afectos ou sentimos as emoções, estes só são pensados e sentidos porque são referidos a situações. A emoção fóbica, por exemplo, só é vivida e descrita em função das diversas situações que permitiram essa experiência, e daí a construção de um sentido trans-situacional da ansiedade que conduz a uma eventual inclusão na representação do *self*. Não se percebe nem se acede directamente à ansiedade na ausência de um encontro com o mundo, na ausência de um comportamento ou de uma resposta emocional, pois a percepção do *self* e a sua representação são

sempre contextualizadas. O Conceito de Si seria, assim, um dos produtos do *self*, traduziria o auto-conhecimento situado do *self* em diferentes circunstâncias e com diferentes atributos.

Considerado como a representação global do *self*, o Conceito de Si abrange o conjunto de conteúdos descritivos e avaliativos que cada pessoa identifica face a si próprio. Neste sentido, integra a auto-estima, como a componente avaliativa da representação do *self*, e todo um conjunto de cognições e valorações que cobrem um vasto espectro de atributos pessoais associados a ambas as dimensões. Conceitos como o *self-regard*, *self-worth*, *self-respect*, *self-acceptance*, *self-confidence* e *body-esteem*, entre muitos outros, seriam atributos específicos ou circunscritos englobados, especificamente, na auto-estima e, indirectamente, no Conceito de Si. Quando predomina a componente avaliativa com forte valência afectiva e os juízos produzidos pelos sujeitos têm subjacente a presença de sentimentos acerca do *Self*, considera-se que a auto-estima é a designação apropriada. Para além da avaliação afectiva que a auto-estima representa, o Conceito de Si é considerado um constructo alargado que inclui componentes cognitivas e comportamentais.

É relativamente consensual a importância psicológica quer do conceito de si, quer da auto-estima, não só no domínio clínico, onde são dimensões frequentemente relacionadas com a psicopatologia, mas também nos actuais modelos teóricos dos afectos e das atitudes, ao sublinharem que os juízos formulados pelos sujeitos têm subjacente a presença e a influência de sentimentos positivos ou negativos acerca do *Self* (Baumeister, 1997). Fica, no entanto, por esclarecer como se diferenciam estes dois constructos e que influência recíproca exercem, questões que, uma vez mais, conhecem diferentes respostas. O Conceito de Si e a Auto-Estima são assumidos, por vezes, como indistintos e utilizados indiferentemente (e.g., Piers, 1984), outras, são-lhes atribuídos sentidos específicos apenas quanto à sua natureza (mais cognitiva ou mais afectiva), mas reconhecidos com estatutos indiferenciados (e.g., como traços, consistentes

ao longo do tempo e com idêntico papel e acessibilidade), outras vezes ainda, são considerados como independentes e com funções diferenciadas. Neste último caso, às cognições acerca do *Self* contidas no Conceito de Si é atribuída alguma independência face à Auto-Estima, por se considerar que podem ou não influenciar a auto-estima consoante a centralidade que têm para o *Self*. Por exemplo, ser mau pai ou ser mau profissional afectará diferentemente o conceito de si em função da importância atribuída a essas áreas no âmbito das definições do *Self*.

Do ponto de vista da avaliação destes constructos as dificuldades acentuam-se, já que às divergências conceptuais acrescem as metodológicas e as técnicas. Um dos problemas tem a ver com a especificidade das medidas, reclamando alguns autores a necessidade de um indicador único para o Conceito de Si (e.g., Coopersmith, 1967; Rosenberg, 1965), salientando outros a necessidade de medidas específicas para diferentes componentes avaliativas do *Self* (Fitts, 1965; Harter, 1985). Surge, assim, o Conceito de Si como medida global, no caso do *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale* (Piers, 1984), ou perspectivado numa estrutura hierárquica com múltiplas facetas como no *Self-Description Questionnaire* (Marsh, Smith & Barnes, 1983) ou no *Self-Perception Profile for Children* (Harter, 1985).

Ainda relativamente a estes dois constructos, e não obstante haver alguma concordância sobre a natureza avaliativa que ambos pressupõem, diferentes investigadores consideram distintos os processos de auto-avaliação invocados. Assim, enquanto Gergen (1965), por exemplo, considera a auto-estima como uma atitude em relação ao *self*, Cohen (1959, *cit. in* Blascovich & Tomaka, 1991) considera-a como o resultado das discrepâncias entre o *self* actual e o ideal, e outros ainda, como a atitude do sujeito face a estas discrepâncias (Wells & Marwell, 1976). Cada uma destas concepções tem implicações nas estratégias de avaliação do constructo.

As divergências quanto à metodologia de avaliação não são alheias à natureza predominantemente subjectiva do Conceito de Si e da Auto-Estima, o que tem conduzido ao

recurso, quase exclusivo, a instrumentos de auto-avaliação ou de descrição pessoal. A utilização deste tipo de técnicas envolve importantes erros de medida, uma vez que o conteúdo dos itens diz respeito a comportamentos e atitudes reconhecidos como mais ou menos valorizados do ponto de vista social, o que pode dar lugar à distorção de resposta em função da desiderabilidade social¹. Outra fonte importante de erro decorre da influência dos processos intrapsíquicos de defesa do *self*. De modo consciente ou não, o uso defensivo do conceito de si contra as ameaças ao *self*, como sentimentos de fracasso pessoal ou sentimentos de rejeição social, pode levar a exibir elevados níveis de auto-estima que, naturalmente, inflacionam as descrições pessoais.

Por outro lado, o recurso a medidas de hetero-avaliação introduzidas por alguns investigadores, nomeadamente a avaliação por pares e por observadores treinados, é um procedimento difícil de aplicar a domínios de natureza interna e subjectiva como este, além de que as reacções defensivas acima invocadas tanto levantam problemas ao nível da avaliação pessoal como da hetero-avaliação (Paulhus, 1991; Shedler et al., 1994).

A escala utilizada no estudo empírico a que adiante nos referiremos, a *Tennessee Self-Concept Scale-Revised* (Roid & Fitts, 1989), constitui uma ‘ferramenta’ desenvolvida numa perspectiva ‘ateórica’, no sentido em que não está subordinada a nenhum modelo teórico específico, e oferece um conjunto diverso de medidas descritivas que dizem respeito a vários domínios da percepção do *self*, representando assim a multidimensionalidade do constructo. Para além dos índices de validade de resposta que o instrumento disponibiliza, as medidas caracterizam a avaliação pessoal a dois níveis: a nível interno, identificam a avaliação de padrões cognitivos, afectivos e comportamentais; a nível externo, identificam a avaliação de diversos conteúdos do *self* que reflectem a relação do indivíduo consigo próprio, com o corpo, com a família e com a sociedade.

Conceito de Si na Velhice

É reconhecida uma considerável estabilidade da personalidade no período intermédio da idade adulta, sobretudo quando são tomados como unidades de referências os traços (Costa & McCrae, 1997). Contudo, sabe-se pouco relativamente às mudanças da personalidade na velhice. Para além dos aspectos estruturais que os traços representam, por natureza mais persistentes e consistentes, é de esperar que as mudanças que acompanham o envelhecimento afectem a dinâmica do *self* e a identidade (Troll & Skaff, 1997). Neste sentido, será provável que as variáveis que representam os aspectos funcionais da personalidade dêem a conhecer tais mudanças. O conceito de si oferece-se justamente como um conceito útil à caracterização da dinâmica das representações pessoais e da identidade ao longo do processo de envelhecimento, sobretudo na idade avançada. Este conceito valoriza particularmente os aspectos fenomenológicos, coloca o *self* e a experiência subjectiva no centro da compreensão e da teorização, constituindo um contraponto a outras linguagens repletas de conceitos e de processos estruturais reificados (Greenberg & Mitchell, 1994).

Se a perspectiva fenomenológica é importante na compreensão da dinâmica psicológica em qualquer fase de vida, na idade adulta ela será ainda mais, pois o envelhecimento exige uma contínua redefinição da identidade. Nas últimas etapas da vida, cada indivíduo é confrontado com ameaças ou perdas diversas, no plano físico, social e afectivo, bem como com mudanças resultantes da percepção da finitude da vida. Tais perdas precipitam estados de decepção ou insatisfação, de cada um consigo próprio e com o mundo, que desencadeiam crises mais ou menos temporárias de desidealização dos valores até então dominantes. Uma nova fase de integração, com aceitação das perdas inevitáveis, e de reconstrução das relações intersubjectivas significativas vai permitir a evolução e a construção de novos ideais e valores que assegurarão um novo equilíbrio pessoal e um novo espaço de criatividade. Estas experiências de aceitação de

si e de integração do *self*, de recuperação de um narcisismo saudável e compatível com o interesse por si próprio e com o envolvimento no mundo, ocupam áreas centrais do funcionamento psicológico (Kohut, 1977/1988) e terão naturalmente reflexos na redefinição e na percepção do *self*.

A progressiva integração do conceito de si é, assim, de fundamental importância na velhice e muitos autores o têm salientado, desde Erikson, Erikson e Kivnick (1986) a, mais recentemente, vários gerontologistas (Atchley, 1999; Markus & Herzog, 1992; McAdams, 1993; Ryff, 1991; Wolf, 1997). Todavia, a forma de conceptualizar o *self*, e particularmente o *self*-concept, é diversa. Coleman, Ivani-Chalian e Robinson (1999) identificam duas perspectivas teóricas fundamentais: uma, derivada da psicologia social, que foca sobretudo a regulação da auto-estima e outra, derivada das teorias da personalidade e do desenvolvimento ao longo do ciclo de vida, que se centra no desenvolvimento do sentido da unidade, continuidade e sentido do *self* e da identidade. Estes dois modelos, apesar de reflectirem orientações distintas, têm grandes áreas de acordo. Ambos reconhecem que na cultura ocidental se privilegia a estabilidade do conceito de si ao longo da vida adulta, o qual de algum modo se ‘rompe’ na idade mais avançada e influencia mudanças no *self*. Contudo, a perspectiva contemporânea dominante e generalizada às diferentes idades é aquela que enfatiza a construção activa da percepção pessoal, tendo a auto-estima um papel indicador do funcionamento saudável. Apesar da complementaridade destas duas linhas teóricas no âmbito da gerontologia, reconhece-se que o interesse actual se dirige sobretudo para a identificação da dinâmica e das fontes de auto-estima (Coleman et al., 1999), mais do que para o desenvolvimento da identidade (Erikson et al., 1986; McAdams, 1999).

Conhecer a especificidade da caracterização do conceito de si na velhice, designadamente as áreas específicas de construção do *self* ou as facetas mais activamente visadas, positiva ou negativamente, na dinâmica da auto-estima permitirá identificar o sentido de eventuais

atipicidades e sinalizar aqueles precisam de ajuda. A compreensão dos aspectos normativos do ajustamento na velhice permitirá identificar e ajudar aqueles que falham na adaptação.

Para além da tradição idiográfica no estudo da personalidade e do *self*, e do uso de métodos analíticos e qualitativos, como preconiza Atchley (1999), é necessária também a referência à perspectiva nomotética, que permitirá assinalar as linhas gerais onde se inscrevem os traços únicos e se reconhece a individualidade, bem como o uso de métodos descritivos de aplicação a grandes amostras capazes de proporcionar dados que esbocem, pelo menos topograficamente, o retrato do conceito de si na velhice.

ESTUDO EMPÍRICO

Objectivo e Método

O objectivo do estudo empírico é o de analisar as características fundamentais do perfil de resultados da TSCS nos Adultos Idosos e identificar os aspectos diferenciais mais relevantes face às características dos perfis de adultos de outros segmentos de idade. O estudo segue uma metodologia transversal de recolha de dados, com representação de três grupos de idade (jovens adultos, adultos e adultos idosos), e a análise parte de uma abordagem diferencial de identificação de características específicas do conceito de si nos idosos, as quais são posteriormente interpretadas no contexto do processo de envelhecimento.

Amostra

A amostra é composta por 619 adultos, de ambos os sexos (60% do sexo feminino), de diferentes estados civis (40% solteiros; 44% casados; 11% viúvos e 4% divorciados) com idades compreendidas entre os 18 e os 82 anos e distribuídos por diferentes grupos de idade do seguinte modo: Jovens Adultos entre os 18 e os 29 anos, 35%; Adultos entre os 30 e os 64 anos, 45%; Adultos Idosos, com idades superiores aos 64 anos, 20%. Os participantes tinham, pelo menos, a escolaridade básica obrigatória para a respectiva coorte e todos demonstraram capacidade de

leitura e de compreensão verbal adequada à realização da escala, sendo o nível médio de escolaridade elevado: 18% da amostra tem 4 anos de escolaridade; 13% tem de 5 a 10 anos; 42%, entre 11 e 15 anos; e 25%, 16 ou mais anos. Constituiu condição de selecção dos participantes no estudo o facto de não apresentarem queixa do foro psiquiátrico ou doença física incapacitante e estarem integrados socialmente de acordo com os parâmetros correntes de normalidade.

Instrumentos

Foi utilizada a versão portuguesa da TSCS-R – *Tennessee Self-Concept Scale-Revised* (Roid & Fitts, 1989; Novo, 1997). Trata-se de uma escala de auto-avaliação que integra 100 itens apresentados sob a forma de frases breves e simples, com um formato de resposta de tipo Likert em cinco pontos ordenados do ‘completamente falso’ ao ‘completamente verdadeiro’. O instrumento permite a obtenção de dois tipos de perfil, com diferente número de medidas finais. Neste caso, apenas são apresentados resultados relativos a dez medidas, das quais uma medida é de validade, subescala de *Autocrítica*, outra o *Resultado Global* e as restantes oito medidas são relativas ao perfil clínico, três designadas de referência interna (*Identidade*, *Satisfação* e *Comportamento*) e outras cinco de referência externa (*Self Físico*, *Self Moral*, *Self Pessoal*, *Self Familiar* e *Self Social*).

Os indicadores de validade, de consistência interna e temporal para o instrumento original são muito satisfatórios (ver Manual, Roid & Fitts, 1989). A versão portuguesa foi cruzada com a versão original mediante a aplicação de ambas a uma mesma amostra de 25 indivíduos portugueses com elevado domínio de inglês (finalistas de um curso superior de tradução). Os coeficientes de correlação dos resultados emparelhados das duas aplicações (*tau* de Kendall) são satisfatórios, com valores entre .64 e .86 para o conjunto das dez medidas em análise neste trabalho, pelo que a versão portuguesa se afigura adequada (ver Novo, 1997).

Ainda para as mesmas dez medidas e para uma outra amostra de 44 participantes, a consistência temporal dos resultados obtidos com a versão portuguesa, avaliada a partir de um teste-reteste com intervalo de 4 semanas, mostra-se também satisfatória, com índices de correlação (*tau* de Kendall) entre .67 e .77. Os coeficientes de consistência interna (*alpha* de Cronbach) no conjunto da amostra utilizada no presente estudo ($N = 619$) são relativamente elevados (entre .72 e .92 para as escalas clínicas e resultado global).

Apresentação e Análise de Resultados

Os resultados finais obtidos² são apresentados no Quadro 1 indicam globalmente que:

- a) O Conceito de Si expresso pelo *Resultado Global* não difere nos três grupos de idade em estudo o que, de certo modo, vai ao encontro das referências na literatura relativa a este instrumento, as quais indicam não haver diferenças importantes, na idade adulta, ao nível da percepção pessoal global do Conceito de Si (Roid & Fitts, 1989). Tal não permite concluir, todavia, que os processos envolvidos na percepção e avaliação pessoal sejam semelhantes nas diferentes fases de vida.
- b) É ao nível das medidas parcelares que se registam diferenças significativas entre os grupos, especialmente nas medidas relativas ao *Self Moral*, ao *Self Físico* e à *Autocrítica*. Os idosos, quando comparados com os adultos jovens, apresentam valores mais elevados no *Self Moral* e valores mais baixos nas outras duas medidas, *Self Físico* e *Autocrítica*.
- c) A amplitude dos valores das oito escalas clínicas é maior no grupo de adultos idosos (11.85) que nos dois outros grupos, especialmente no de adultos jovens (4.81), o que sugere uma percepção mais diferenciada de cada uma das faceta do *self*, sobretudo quando se trata das facetas externas. No grupo mais jovem encontra-se uma relativa homogeneidade dos resultados das diversas escalas e, à medida que a idade avança, vai ocorrendo uma avaliação provavelmente mais discriminada e específica de cada faceta do *self*. Curiosamente, esta variação na percepção

pessoal do Conceito de Si em função da idade não se reflecte nas dimensões internas: os valores nas escalas *Identidade*, *Satisfação* e *Comportamento* parecem aproximar-se em todas as idades, sobretudo na idade mais avançada. A marcada diferenciação das características externas do Conceito de Si no grupo mais idoso poderá ser interpretada como um sinal de uma possível ‘compartimentação’ da avaliação pessoal nesta fase da vida. Gaber (1984) refere isto mesmo, considerando a variabilidade da avaliação como uma característica estrutural específica dos protocolos dos adultos idosos.

d) As medidas *Self Moral* e *Self Físico* constituem importantes indicadores neste contexto de dados, não só na comparação entre os segmentos de idade, mas sobretudo em termos relativos, quando se comparam as cinco dimensões externas no grupo de adultos idosos, onde as duas medidas em análise representam os pontos extremos do perfil. O *Self Moral* parece constituir um importante alicerce do conceito de si na idade avançada, indiciando-se uma trajectória de progressiva valorização da faceta moral com a idade, ao invés dos valores no *Self Físico* que permitem supor um percurso progressivamente decrescente com o avanço da idade.

(Inserir o Quadro 1 aproximadamente aqui)

Estes dados são também concordantes com o referenciado em outros trabalhos com a TSCS em idosos, em particular a superioridade do *Self Moral* (Gaber, 1984) – interpretada como efeito de um mecanismo de compensação face à fragilidade de outras facetas do Conceito de Si nas idades mais avançadas – e a redução da *Autocrítica* (Roid & Fitts, 1989; Thompson, 1972) – considerada como mecanismo defensivo que evita o reconhecimento das fragilidades pessoais, pelo que a redução ocorreria a par do aumento dos níveis de auto-estima e do conceito de si.

Por outro lado, as medidas relativas ao *Self Moral* e *Self Pessoal*, consideradas na literatura como medidas não claramente diferenciáveis entre si (Marsh & Richards, 1988), revelam-se, neste estudo, com um valor interpretativo próprio. Os resultados observados nestas duas escalas

indicam que a percepção de cada um dos domínios é avaliada de um modo diverso, sugerindo características distintas do *self* com uma evolução e/ou uma importância diferenciada ao longo da vida adulta. Apesar das diferenças no conteúdo dos itens não serem imediatas, o *Self Moral* apela à avaliação que cada um faz de si próprio segundo valores universais, com base num léxico interno organizado a partir das representações sociais filtradas por critérios e normas pessoais (e.g., honestidade, generosidade, verdade e justiça), enquanto o *Self Pessoal* parece remeter para uma avaliação em que o valor de si próprio é determinado pelo modo como o sujeito integra ou interioriza a informação proveniente de fontes externas, informação veiculada directamente na relação interpessoal (e.g., ser amável, detestável, simpático, esperto ou ser um zé-ninguém). Estas medidas parecem identificar, pelo menos na idade avançada, domínios distintos de auto-avaliação, com o *Self Moral* a revelar-se um importante alicerce do Conceito de Si.

Por seu lado, a interpretação dos resultados em *Autocrítica* exige uma exploração dos contextos e dos processos de auto-avaliação. O resultado diferencia os três grupos de idade, mostrando que, nos segmentos de idade mais jovens, existe uma maior aceitação e reconhecimento espontâneo de falhas pessoais “comuns”. A tendência para uma menor crítica por parte dos idosos é referida em vários estudos (Gaber, 1984; Roid & Fitts, 1989; Savage et al., 1977, *cit. in* Gaber, 1984; Thompson, 1972). Tal referência, no entanto, ocorre a par da verificação da elevação dos níveis de auto-estima e de conceito de si, pelo que é interpretada como uma manifestação de mecanismos defensivos para enfrentar o conflito que o conhecimento das próprias fragilidades implicaria.

No presente estudo revela-se uma menor autocrítica, mas tal não está associado a uma elevação do Conceito de Si. Para além da interpretação sugerida nos estudos anteriores, devemos atender ao facto de que esta escala identifica uma atitude de resposta no sentido de dar uma boa imagem de si, representando o desejo de ‘parecer bem’ diante dos outros e não representa

necessariamente a vontade consciente e deliberada de falsear os resultados. Não obstante ser considerada como uma tendência tão comum que assume o valor de traço universal do ser humano (Pasquali, 1996), aparece, aqui, intensificada no grupo de idosos o que não deixa de ser motivo de reflexão. Subjacente a esta atitude de resposta pode estar uma forte valorização do juízo dos outros, fazendo sentido pensar que na idade madura, e sobretudo na velhice, a importância atribuída à esfera social e à aceitação pelos outros será maior do que no início da vida adulta. A atitude defensiva pode, assim, decorrer da dificuldade em lidar com sentimentos dolorosos derivados de um juízo negativo por parte dos outros ou da eventual rejeição social.

Uma tentativa de exploração da atitude defensiva para que este resultado em *Autocrítica* remete pode também ser considerada a partir de um estudo realizado sobre Bem-Estar Psicológico em mulheres na idade adulta avançada (Novo, 2000), em que além da TSCS é usado um conjunto de medidas inferenciais (instrumentos de auto-avaliação) e de medidas directas ou comportamentais (instrumentos projectivos). Foi possível identificar, neste estudo, uma diversidade de situações no que se refere ao reconhecimento das fragilidades pessoais e aos processos psicológicos envolvidos na defensividade face ao sofrimento psicológico. Na verdade, as mulheres com menor Bem-Estar e, portanto, com maior sofrimento psicológico apresentam também níveis superiores em *Autocrítica* e revelam-se, até, excessivamente críticas face a pequenas falhas ou defeitos pessoais. Por outro lado, valores inferiores em *Autocrítica* estão associados a tipos de Bem-Estar subjectivo diversos onde assumem significados distintos: quando associada ao genuíno bem-estar psicológico, a baixa autocrítica parece constituir uma estratégia de engrandecimento pessoal, com uma função positiva de promoção do bem-estar pessoal e da auto-estima; quando associada ao bem-estar ilusório e à vulnerabilidade psicológica, a baixa autocrítica constitui uma estratégia defensiva, de tipo de auto-engano (Sackeim, 1983), com uma função de negação do sofrimento psicológico. Neste caso, a defensividade não terá um

valor funcional positivo pois impede uma atitude realista de confronto e resolução das dificuldades pessoais.

A escala de Autocrítica da TSCS³, por si só, não permite identificar atitudes subteis, ou não conscientes, de negação de falhas pessoais ou de sofrimento psicológico. Deste modo, as atitudes menos realistas ou mais defensivas influenciarão toda a auto-avaliação, isto é, todas as medidas do perfil clínico. A constatação desta e de outras limitações dos instrumentos de auto-avaliação estão caracterizadas em diversos trabalhos experimentais, designadamente em Shedler e colaboradores (Shedler, Mayman, & Manis, 1993), e obriga-nos a ter sempre presente que, a este nível de auto-avaliação, os resultados constituem um indicador da percepção pessoal, de cada um sobre si próprio, a qual é dependente da capacidade de reconhecimento e avaliação pessoal. O ‘retrato’ de cada um sobre si próprio é, desde que considerado como tal, um indicador útil na prática clínica, embora não possa ser um indicador único, quando se pretender um conhecimento objectivo e externo da natureza estrutural e dinâmica das representações do *self*, que terá naturalmente que ultrapassar o nível da auto-avaliação.

Esta conceptualização do *self* em termos fenomenológicos exige uma perspectiva interna e subjectiva e deve, portanto, ser diferenciada da perspectiva de funcionamento externo, objectivo e funcional, captada pela análise da personalidade. Estas duas perspectivas, externa/funcional e interna/subjectiva, constituem vias independentes e complementares de compreensão da vida mental. A dinâmica criada pela convergência destas duas vias permitirá alcançar uma abordagem ‘objectiva’ das experiências subjectivas (Blatt, 1995).

Conclusões

A análise dos resultados de amostras transversais de diferentes segmentos da idade adulta, permite identificar aspectos estruturais específicos nos perfis da TSCS dos indivíduos idosos, o que sugere um modo próprio de percepção e avaliação do *self*, de construção da identidade e da

auto-estima. Não obstante os processos psicológicos envolvidos nesta construção serem diversos em função da idade, o nível global do *Conceito de Si* não se diferencia do dos indivíduos mais jovens. A especificidade dos perfis revela-se fundamentalmente por: uma maior diferenciação nas cognições e emoções envolvidas na percepção e avaliação de cada faceta do *self*; uma percepção menos positiva do *Self Físico* (a vivência do corpo e da saúde, das competências físicas e da sexualidade são menos satisfatórias); uma percepção mais positiva do *Self Moral* (a força moral e a convicção de possuir valores de honestidade, verdade, bondade ou de justiça são avaliados como muito satisfatórios); uma atitude menos crítica ou mais defensiva, reconhecendo menos falhas pessoais ou dificuldades correntes e comuns à maioria das pessoas.

Este estudo revela ainda a possibilidade de diferenciação entre o *Self Pessoal* e o *Self Moral* questionada em trabalhos prévios. O percurso de evolução ao longo da vida adulta destas duas facetas do *self* afigura-se diferente, sendo o *Self Moral* aquele que se mostra progressivamente importante ao longo da vida e constitui, provavelmente, um alicerce fundamental da auto-estima que, mesmo em situações de maior vulnerabilidade psicológica, se mantém como elemento fundamental na avaliação pessoal.

Os resultados encontrados são consistentes com os modelos da personalidade, nomeadamente os de Buhler (1935), Erikson (Erikson et al. 1986) e McAdams (1993) em que o desenvolvimento na idade adulta avançada é perspectivado como uma reorganização da personalidade, do *self* e dos objectivos de vida, a qual terá expressão ao nível dos processos psicológicos envolvidos na (re)definição e (re)avaliação pessoal.

Os resultados podem também ser interpretados na perspectiva teórica do *self* que enfatiza os processos de regulação da auto-estima. Poder-se-á considerar, neste caso, que o facto de o *Conceito de Si* não sofrer variação com a idade reflectirá que as pessoas adultas terão um conceito de si robusto ou, pelo menos, mais testado ao longo da vida, o que permitirá que os

processos de regulação, por estarem mais experimentados, garantam uma relativa estabilidade na percepção do *self*. Convém, contudo, atender a que esta perspectiva será porventura mais explicativa nas situações ‘continuidade’ do estilo de vida ou ‘normalidade ideal’. No âmbito do desenvolvimento normal, em que o indivíduo se confronta com ‘crises normativas’, aqueles processos de regulação podem permitir a vivência das experiências de envelhecimento com uma percepção realista, equilibrada e razoavelmente positiva de cada um sobre si próprio. Tal conduzirá a uma relativa estabilidade e continuidade do conceito de si. Contudo, são as situações de maior fragilidade ou de confronto com as ‘crises não normativas’ que constituem os desafios sérios à auto-estima. Neste caso, a continuidade e a estabilidade do *self*, reconhecida como importante ao longo de grande parte da vida adulta, pode dificultar a adaptação a uma nova fase de vida em que a mudança é necessária.

Por outro lado, ao nível dos valores subjacentes à avaliação da auto-estima, que dominam nas sociedades ocidentais, designadamente a competência e a confiança em si, são provavelmente os mais difíceis de manter na idade mais avançada (Coleman et al., 1999). Provavelmente, construções pessoais e sociais do *self* que valorizem características capazes de se manter e/ou desenvolver-se com a velhice, como a sensatez, a tolerância, o humor ou a generatividade, serão mais compatíveis não só com a manutenção da auto-estima, mas também com as mudanças inerentes ao processo de envelhecimento num contexto de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allport, G. W. (1961/1966). *Personalidade: Padrões e desenvolvimento* (trad.). S. Paulo: Helder.
- Atchley, R. (1999). *Continuity and adaptation in aging: Creating positive experiences*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

- Baumeister, R. F. (1997). Identity, self-concept, and self-esteem: The self lost and found. In R. Hogan, J. Johnson, & S. Briggs (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 681-711). New York: Academic Press.
- Beier, M. Ackerman, P. (2001). Current-events knowledge in adults: an investigation of age, intelligence, and nonability determinants. *Psychology and Aging, 16*(4), pp. 615-628.
- Blascovich, J. & Tomaka, J (1991). Measures of self-esteem. In J. Robinson, P. Shaver, & L. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (pp. 115-160). San Diego, CA: Academic Press.
- Blatt, S. J. (1995). Representation structures in psychopathology. In D. Cicchetti & S. Toth (Eds.), *Emotion, cognition, and representation* (pp. 1-33). Rochester Symposium on Developmental Psychopathology.
- Blatt, S. J. & Blass, R. B. (1996). Attachment and separateness in the experience of symbiotic relatedness. *Psychoanalytic Quarterly, LXV*, 711-746.
- Bühler, C. (1935). The curve of life as studied in biographies. *Journal of Applied Psychology, 19*, 405-409.
- Cohler, B. J. & Galatzer-Levy, R. M. (1992). Psychoanalysis, psychology, and the self. In J. W. Barron, M. N. Eagle, and D. L. Wolitzky (Eds.), *Interface of psychoanalysis and psychology* (pp 429-451). Washington, DC: American Psychological Association.
- Coleman, P., Ivani-Chalian, C., & Robinson, M. (1999). Self and Identity in Advanced old age: Validation of theory through longitudinal case analysis. *Journal of Personality, 67*, 819-849.
- Costa, P. T. & McCrae, R. (1997). Longitudinal stability of adult personality. In R. Hogan, J. Johnson, & S. Briggs (Eds.), *Handbook of personality psychology* (pp. 269-290). New York: Academic Press.
- Damásio, A. R. (1994/1995). *O erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano* (trad.). Lisboa: Europa-América.
- Erikson, E. H. (1959). *Identity and the life cycle: Selected papers by Erik Erikson*. Psychological Issues (Monograph 1). New York: International Universities Press.
- Erikson, E. H. (1963/1968). *Infância e sociedade* (trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Erikson, E., Erikson, J., & Kivnick, H. (1986). *Vital involvement in old age*. New York: W.W. Norton.

- Fitts, W. (1965). *Tennessee Self-Concept Scale: Manual*. Los Angeles: WPS.
- Gaber, I. B. (1984). Structural dimensions in aged self-concept: A Tennessee self concept study. *British Journal of Psychology*, 75, 207-212.
- Gergen K. (1965). The effects of interaction goals and personalistic feedback on the presentation of the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1, 413-424.
- Greenberg, J. R. & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objectais na teoria psicanalítica* (trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Harter, S. (1985). *Manual for the self-perception profile for children*. University of Denver.
- Heard, H. & Linehan, M. (1993). Problems of self and borderline personality disorder: A dialectical behavioral analysis. In Z. Segal & S. Blatt (Eds.), *The self in emotional distress: Cognitive and psychodynamic perspectives* (pp. 301-325). New York: The Guilford Press.
- Higgins, E. T. (1987). Self-discrepancy: A theory relating self and affect. *Psychological Review*, 94, 319-340.
- Kohut, H. (1977/1988). *A restauração do self* (trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Markus, H. R. & Herzog, A. R. (1991). The role of the self-concept in aging. In *Annual Review of Psychology and Geriatrics*, 11, 110-143.
- Markus, H. & Nurius, P. (1986). Possible selves. *American Psychologist*, 41, 954-969.
- Marsh, H. & Richards, G. (1988). Tennessee Self-Concept Scale: Reliability, internal structure, and construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55, 612-624.
- McAdams, D. P. (1993). *The stories we lived by: Personal myths and the making of the self*. New York: Guilford Press.
- Novo, R. F. (1997). Adaptação portuguesa da escala de conceito de si de Tennessee (TSCS): Análise das características psicométricas. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. Almeida, M. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. V, pp. 743-756). Braga: APPORT.
- Novo, R. F. (no prelo). *Para além da eudaimonia: O Bem-Estar Psicológico em mulheres na idade adulta avançada*. Lisboa: FCG & FCT.

- Pasquali, L. (Org.) (1996). *Teoria de medida em ciências do comportamento*. Brasília: INEP.
- Paulhus, D. L. (1991). Measurement and control of response bias. In J. P. Robinson, P. R. Shaver, & L. S. Wrightsman (Eds.), *Measures of personality and social psychological attitudes* (Vol. 1, pp. 17-59). San Diego, CA: Academic Press.
- Piers, E. (1984). *Piers-Harris Children's Self-Concept Scale: Revised manual*. Los Angeles: Western Psychological Services.
- Roid, G. & Fitts, W. (1989). *Tennessee Self-Concept Scale. Revised Manual* (2nd ed.). Los Angeles: Western Psychological Services.
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Ryff, C. D. (1991). Possible selves in adulthood and old age: A tale of shifting horizons. *Psychology and Aging*, 6, 286-295.
- Sackeim, H. A. (1983). Self-deception, self-esteem, and depression: The adaptive value of lying to oneself. In J. Masling (Ed.), *Empirical studies of psychoanalytical theories* (Vol. 1, pp. 101-157). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Schafer, R. (1976). *A New Language for Psychoanalysis*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Shedler, J., Mayman, M., & Manis, M. (1993). The illusion of mental health. *American Psychologist*, 48, 1117-1131.
- Stern, D. (1985/1992). *O mundo interpessoal do bebê: Uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento* (trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Strauman, T. J. & Higgins, E. T. (1993). The self construct in social cognition: Past, present, and future. In Z. V. Segal & S. J. Blatt (Eds.), *The self in emotional distress: Cognitive and psychodynamic perspectives* (pp. 3-40). New York: The Guilford Press.
- Thompson, W. (1972). *Correlates of the Self-Concept* (Monograph No. 6). Los Angeles: Western Psychological Services.
- Winnicott, D. W. (1958/1969). La capacité d'être seul. In D. W. Winnicott, *De la pédiatrie à la psychanalyse* (pp. 205-213). Paris: Petite Bibliothèque Payot.

Wolf, E. (1997). Self Psychology and the aging self throughout the life curve. *Annual Psychoanalysis*, 25, 201-215.

Woods, R. T. (2000). *Psychological problems of aging*. New York, NY: John Wiley & sons.

O Conceito de Si em Adultos Idosos: Análise das características reveladas ao nível da auto-avaliação

Resumo

Neste artigo, depois de abordados alguns aspectos teóricos e conceptuais, relativos ao *self* e ao *self-concept* e à sua relevância na caracterização da idade adulta avançada, apresentam-se os resultados de um estudo realizado com o objectivo de analisar as características fundamentais do Conceito de Si em adultos idosos. Pretende-se identificar, nos perfis da TSCS-R (Roid & Fitts, 1989), características específicas deste grupo relativamente a outros segmentos da idade adulta. Para tal, analisam-se os resultados obtidos na versão portuguesa da Escala com uma amostra de 619 participantes, considerados em três grupos de idade (jovens adultos; adultos; adultos idosos). A análise de resultados indica que os idosos apresentam uma maior diferenciação na auto-avaliação das diferentes facetas do *self*, com o nível mais baixo na descrição e satisfação das características associadas ao *Self Físico*, em contraste com as do *Self Moral* que registam os níveis superiores. Estas duas medidas, *Self Físico* e *Self Moral*, a par da de Autocrítica, destacam-se também pelas diferenças que revelam face aos valores obtidos nos grupos de idade mais jovem. Na interpretação dos dados são especialmente consideradas as características distintivas do conceito de si na idade avançada, as quais são discutidas no contexto dos desafios do processo de envelhecimento.

Palavras Chave: Conceito de Si; *Self*; TSCS; Idosos; Adultos; Envelhecimento

Self-concept in aged people: Analysis of the characteristics expressed at a self-report level

Abstract

This paper presents different theoretical and conceptual aspects involving self and *self-concept*, and their relevance to the characterisation of the aged. Research work was planned and carried out to analyse the basic characteristics of self-concept in the aged as expressed in self-report. The main goal of this work is to identify the specific characteristics of these people in the TSCS-R's profiles (Roid & Fitts, 1989) when compared with younger adults. The sample is composed of 619 participants divided in three age groups: young adults, adults and the aged. The data analysis shows that the aged presents a clear differentiation in the assessment of the different areas of the self; the lower level is expressed in the description and evaluation of the *Physical Self*, in contrast with the *Moral Self* that presents the highest values. *Physical Self*, *Moral Self* and *Self-Criticism* are the more prominent because they suggest differences in the aged adults when compared with the younger adults. This work shows evidence of the importance of particular aspects of self-concept in the aged and the results are discussed in relation to the challenges of the aging process.

Key Words: Self-Concept; Self; TSCS; Aged; Adulthood; Aging

QUADRO 1

Valores da Média e Desvios-Padrão na TSCS por Grupo de Idade e da Análise de Variância

| Medidas da TSCS | GRUPO 1 (<i>n</i> = 216) <i>M (DP)</i> | GRUPO 2 (<i>n</i> = 277) <i>M (DP)</i> | GRUPO 3 (<i>n</i> = 126) <i>M (DP)</i> | <i>F</i> (2, 616) | Comparações Múltiplas |
|---------------------------|--|--|--|-----------------------------|------------------------------|
| <i>Self</i> Físico | 67.52 (8.82) | 63.77 (9.51) | 62.24 (9.28) | 16.90 *** | G1>G2 G1>G3 |
| <i>Self</i> Moral | 71.59 (8.23) | 73.81 (7.64) | 74.19 (8.43) | 5.99 ** | G1<G2 G1<G3 |
| <i>Self</i> Pessoal | 67.87 (8.61) | 68.63 (8.83) | 68.11 (9.26) | <i>ns</i> | — |
| <i>Self</i> Familiar | 69.71 (8.05) | 70.66 (7.85) | 68.34 (8.45) | <i>ns</i> | — |
| <i>Self</i> Social | 66.78 (8.69) | 68.02 (8.37) | 67.59 (8.97) | <i>ns</i> | — |
| Identidade | 121.31 (10.77) | 120.81 (12.15) | 118.17 (12.42) | <i>ns</i> | — |
| Satisfação | 112.28 (14.83) | 111.73 (14.71) | 110.86 (13.97) | <i>ns</i> | — |
| Comportamento | 109.89 (12.58) | 112.35 (11.23) | 111.44 (12.24) | <i>ns</i> | — |
| Autocrítica (<i>SC</i>) | 35.73 (6.17) | 32.98 (6.45) | 30.85 (6.52) | 24.04 *** | G1<G3 G2<G3 |
| Resultado Total | 343.49 (34.42) | 344.89 (34.10) | 340.47 (33.66) | <i>ns</i> | — |

Nota. Grupo 1 (G1): Adultos Jovens, 18-30 anos; Grupo 2 (G2): Adultos, 30 e 64 anos;

Grupo 3 (G3): Adultos Idosos, com mais 64 anos.

** *p* < .01; *** *p* < .001

Notas de Rodapé:

1. Definida por Edwards (1957, *cit. in* Pasquali, 1996) como a tendência dos sujeitos para, em casos de avaliação, atribuírem a si mesmos características de personalidade com valor socialmente desejável e para rejeitar aquelas com valor indesejável.
2. A variável sexo não será considerada neste estudo. Ela foi objecto de uma primeira análise em trabalho anterior (Novo, 1997) onde foram encontradas variações num sentido diverso do referido com a versão original da escala, sugerindo que, para além de diferenças entre homens e mulheres, haverá diferenças importantes entre portugueses e americanos. A explicação de tais diferenças exige uma análise integrada das especificidades culturais e dos aspectos psicológicos envolvidos na construção do Conceito de Si.
3. Esta escala disponibiliza um vasto conjunto de outros indicadores de validade de resposta e de controlo do tipo de distorção envolvida (ver Manual da TSCS-R, Roid & Fitts, 1989).

TÍTULO DO ARTIGO

O Conceito de Si em Adultos Idosos: Análise das características
reveladas ao nível da auto-avaliação

AUTORES

Rosa F. Novo¹ e Danilo R. Silva²

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa

¹ Professora Auxiliar ² Professor Catedrático

MORADA

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Alameda da Universidade

1649-013 LISBOA Portugal

CONTACTOS

Faculdade - Tel: 217934554; Fax: 217933408

Endereço Electrónico: rnovo@fpce.ul.pt